

AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS QUE CONSTITUEM O SUJEITO FEMININO EM A *IMAGINÁRIA* DE ADALGISA NERY

Raissa Gonçalves de Andrade Moreira
Mestranda em Linguística – PROLING
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil

Samyra Ferreira Ramos Rodrigues
Mestranda em Língua (gem) e Ensino – PÓS-LE
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Campina Grande, Paraíba, Brasil

RESUMO: Adalgisa Nery é uma escritora e poetisa que está a frete do seu tempo por representar uma mulher forte, corajosa e empoderada. A escritora nasceu em 1905 no antigo Distrito Federal (RJ). Dentre diversos livros dedicados à poesia, a escritora publica, em 1959, o seu primeiro romance *A imaginária*. O ano de 59 representava um momento de transição para a comunidade feminina, visto que esse período – um pouco anterior aos anos 60 – marca o retorno da mulher como ser ativo, que briga por seus direitos e se distancia da posição passiva exercida pelo sujeito feminino no passado. Nessa conjuntura, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os discursos sobre a mulher, e observar como se constitui discursivamente o sujeito feminino, através das formações discursivas, na obra em questão. Consideramos que o posicionamento da mulher nos anos 60 reverbera para a posição atual da mulher na sociedade contemporânea. Assim sendo, acreditamos que a obra de Adalgisa Nery narra, ainda que subjetivamente, uma visão reflexiva da mulher, que expressa discursos, e que está em luta interior e por isso foge do estereótipo de “mulher do lar”, para a qual a casa e o marido fornecem toda a felicidade e realização feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Adalgisa Nery. Formação discursiva. Constituição do sujeito feminino.

ABSTRACT: Adalgisa Nery is a writer and poet who is freelancing of her time for representing a strong, courageous and empowered woman. The writer was born in 1905 in the old Federal District (RJ). Among several books dedicated to poetry, the author publishes, in 1959, her first novel *The imaginary*. The year 59 represented a moment of transition for the female community, since this period - a little prior to the 1960s - marks the return of women as active, who fight for their rights and distance themselves from the passive position exercised by the female subject in the past. At this juncture, the present research aims to analyze the discourses about women, and to observe how the female subject is constituted discursively, through the discursive formations, in the work in question. We consider that the position of women in the 1960s reverberates to the current position of women in contemporary society. Thus, we believe that the work of Adalgisa Nery narrates, albeit subjectively, a reflexive view of women, who expresses discourses, and who is in inner struggle and therefore escapes the stereotype of "woman of the home", to which the house and the husband provide all female happiness and fulfillment.

KEYWORDS: Adalgisa Nery. Discursive formation. Constitution of the female subject.

INTRODUÇÃO

As pesquisadoras Chanine; Jazdzewski (2000, *apud* BATISTA, p. 3) apontam que no período da Primeira Guerra Mundial, as mulheres se viram sozinhas, visto que seus maridos as haviam deixado para combater na guerra. Assim, a mulher teve que assumir as responsabilidades do lar, se tornando mais independente, algo tido até como uma aproximação do papel masculino. Já no período da Segunda Guerra Mundial, o comportamento da mulher foi diferente. Depois de anos de guerra e de destruição – além do fascismo e nazismo que ganhavam cada vez mais espaço –, a população almejava tempos melhores, a fim de esquecer os acontecimentos devastadores do passado.

Diante desse contexto, surge Adalgisa Nery, uma escritora e poetisa que está a frete do seu tempo por representar uma mulher forte, corajosa, empoderada. A escritora nasceu em 1905 no antigo Distrito Federal (RJ). Dentre diversos livros dedicados à poesia, a escritora publica, em 1959, o seu primeiro romance *A imaginária*.

Consideramos fundamental refletirmos sobre o momento em que o livro foi publicado, para compreendermos as inseguranças e frustrações da personagem de Berenice. O ano de 59 também representava um momento de transição para a comunidade feminina, visto que esse período – um pouco anterior aos anos 60 – marca o retorno da mulher como ser ativo, que briga por seus direitos e se distancia da posição passiva exercida pelo sujeito feminino no passado.

Nessa conjuntura, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os discursos sobre a mulher, e observar como se constitui discursivamente o sujeito feminino, através das formações discursivas, na obra em questão. Considerando que o posicionamento da mulher nos anos 60 reverbera para a posição atual da mulher na sociedade contemporânea.

Assim sendo, acreditamos que a obra de Adalgisa Nery narra, ainda que subjetivamente, uma visão reflexiva da mulher, que expressa discursos, e que está em luta interior e por isso foge do estereótipo de “mulher do lar”, para a qual a casa e o marido fornecem toda a felicidade e realização feminina.

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Dedicamos esta seção para dissertarmos sobre a Análise do Discurso francesa, visto que partiremos de suas teorias para desenvolvermos nosso trabalho. Sobre a análise do discurso (doravante AD). Dantas (2011) salienta que esta alcançou o estatuto de disciplina linguística quando ocorreu uma crise na linguística formal, após a necessidade de sistematização dos estudos que tinham como objeto a língua em seu uso e variações, a enunciação, o texto-discurso e o cognitivismo.

O autor aponta que, depois do período de combates teóricos e metodológicos, a AD se instaura como disciplina linguística e viu surgir, no interior de sua própria área de pesquisa, diferentes perspectivas considerando seu objeto: apenas o discurso, apenas o texto; texto e discurso; texto, discurso e língua. Assim, essas diferentes vertentes deram origem a variadas análises de discurso e pesquisas heterogêneas.

Com essa heterogeneidade de pesquisas e de objetos adotados pelas variadas ADs, ocorre também à inserção do texto literário, o autor (Op.cit) ressalta trazer novos questionamentos ou até uma nova teoria do discurso. Para tanto, o pesquisador aponta que:

Em termos estritamente limitados três perguntas exigem resposta para a aceitação de tal texto como objeto da AD: a) a língua produzida nesse espaço textual resulta de ou está empregada em construções discursivas?; b) qual a natureza dos sujeitos que aunciam e se enunciam textualmente?; c) como o espaço textual literário invoca ou convoca outros discursos para a construção do sentido? As respostas para essas perguntas vão exigir do pesquisador os seguintes conceitos: i) língua, enunciação, interlíngua, efeitos de sentido; ii) sujeito enunciativo, sujeito de direito (posição, ethos, jogo de imagens, identidade), sujeito ideológico-discursivo-cultural; iii) interdiscurso (conjunto de formações discursivas), memória discursiva, acontecimento discursivo. (DANTAS, 2011, p. 43)

Pensando mais especificamente sobre o estudo do texto literário na AD, o autor salienta que a língua e seus mecanismos enunciativos expressam-se de forma muito singular no texto literário, uma vez que esses textos possuem uma veia ficcional, de fingimento da realidade.

Apesar dessa relação com a ficção, Dantas (Op. cit.; p. 44) salienta que “não há grande separação entre o material linguístico da literatura e a realização linguístico-enunciativa dos sujeitos sociais”, visto que a língua só pode adquirir sentido no contexto real de interação, e assim o texto literário aparece como essa forma de contexto, mas em uma visão dupla: para os enunciados que são construídos em seu próprio interior, e na forma de um “horizonte social” que é contemporâneo à escrita e à leitura.

Para complementar a visão de “horizonte social” Bakhtin/Volochivov (1998) apontam que aquilo que nós falamos é apenas um conteúdo do discurso, que serve como “tema” de nossas palavras. Assim eles afirmam:

Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, “o homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe). Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou. (BAKHTIN/VOLOCHIVOV, 1998, p. 144)

Dessa forma, percebemos que os autores reiteram a informação de que o discurso só acontece na interação com o outro, com o discurso de outrem. Pelo que eles apontam o discurso citado entra na construção sintática, mas conserva seus aspectos estruturais e semânticos.

Além disso, Bakhtin/Volochivov (1998) afirmam que para entender a enunciação citada é imprescindível integrá-la dentro da construção do discurso, apesar disso, os autores asseveram “entretanto, quando passa a unidade estrutural do discurso narrativo, no qual se integra por si, a enunciação citada passa a se constituir ao mesmo tempo um tema do discurso narrativo.” (BAKHTIN/VOLOCHIVOV, 1998, pág. 144). Os pesquisadores assinalam que o discurso citado é tido pelo falante como sendo a enunciação do outro, sendo essa enunciação autônoma e independente, localizada fora de um contexto narrativo.

Após apresentadas às considerações acerca dos estudos da AD e das concepções bakhtinianas sobre o discurso, acreditamos ser fundamental comentarmos mais especificamente sobre o discurso literário. Assim, o sub tópico a seguir é dedicado a esse estudo.

O discurso literário

Durante muito tempo, os estudos de romance estiveram presos à compreensão do que seria a literatura, em seus aspectos estéticos, e a linguagem desses textos ficou presa aos aspectos estilísticos da língua. Após a eclosão dos estudos do discurso, desde o final dos anos de 1960, os romances passaram a ser estudados como documentos que representam aspectos históricos e ideológicos.

Maingueneau (2006) comenta questões acerca do estudo do discurso literário, salientando que é mais importante analisar os discursos literários através de conceitos e

métodos, os quais podem ser validados em outros tipos de discurso, do que permanecer no questionamento do que seria discurso literário ou do que seria discurso não literário. O autor defende que, em sua concepção, o discurso literário não pode ser concebido como isolado, como se verifica nas palavras do autor:

[...]ele participa de um plano determinado da produção verbal e dos *discursos* constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito e literatura e ciência. A expressão “discurso constituinte” designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma. (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).

Segundo o autor, o trabalho com o discurso constituinte não é uma área segura de estudos, mas sim um campo de pesquisa no qual se pode identificar um número de invariantes, além de elaborar diversas questões inéditas. Ele afirma que os discursos, em uma primeira visão, são distintos, da mesma forma que o discurso religioso, o científico, o filosófico, etc., também o são.

Assim, tem-se a impressão de que incontáveis categorias de análises possam se transferidas facilmente, de um para o outro, chegando à conclusão de que existe um domínio específico da produção verbal de uma sociedade, os diferentes tipos de discurso que possuem traços em comum de acordo com condições de emergência, de funcionamento e de circulação. (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

Agrupar discursos como o literário (fundar e não ser fundado por outro discurso), certo recorte das situações de comunicação de uma sociedade (há lugares e gêneros vinculados a esses discursos constituintes) e certo número de invariantes enunciativas. Trata-se, por conseguinte, de uma categoria *discursiva* propriamente dita. (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

Maingueneau (*Op.cit*) explica que os discursos constituintes são discursos que agregam um sentido aos atos de coletividade, garantindo assim os múltiplos gêneros do discurso. Ele exemplifica dizendo que o jornalista recorre a discursos de sábios, de teólogos, ou de filósofos, mas que o contrário não ocorre, porque esses discursos são dotados de singularidades: “zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras” (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

O discurso no romance e o discurso do romance

Após comentarmos aspectos em relação ao discurso literário, dedicamos essa seção ao estudo do romance propriamente dito. Em “Questões de Literatura e de Estética

(A teoria do romance)”, Bakhtin (1993) comenta que no século XX não se problematizava sobre os problemas estilísticos do romance. O pesquisador afirma que durante muito tempo o romance foi apenas objeto de análises ideológicas e abstratas, com apreciação advinda apenas dos publicistas.

Bakhtin (Op.cit) salientava que o estudo da prosa literária era associado apenas ao discurso poético, e a esse estudo era aplicadas as categorias estilísticas tradicionalistas.

Sobre a visão estilística do romance, Bakhtin (Op.cit) argumenta:

Muito difundido e peculiar era o ponto de vista que via no discurso do romance um certo ambiente extraliterário, privado de uma elaboração estilística particular e original. Não encontrando curso aquela forma esperada puramente poética (em sentido restrito), recusam-lhe qualquer importância literária; ele, assim como nos discursos científico ou coloquial, apresenta-se apenas como meio de comunicação artisticamente neutro. (BAKHTIN, 1993, p. 72-73)

No entanto, Bakhtin (Op.cit) afirma que, na década de 20, a situação é modificada e o discurso romanesco em prosa começa a ser apreciado pelos estudos da estilística. Dessa mudança em relação à visão estilística da prosa romântica, o autor mostra que se desenvolverem duas vertentes: uma preocupa-se em fazer análises concretas da prosa, enquanto que a outra busca a originalidade estilística da prosa, através da sua diferença quanto à poesia.

Assim, o discurso romanesco se instaurava como uma incógnita para o pensamento estilístico, uma vez que não se adequava a nenhuma das esferas do discurso da vida literária. O pesquisador afirma que essas análises falhavam porque, na maioria das vezes, se limitavam a encontrar apenas categorias estilísticas no romance, sem pensar sobre a unidade estilística do romance e da palavra romanesca. Sobre o romance, Bakhtin (Op.cit) aponta:

O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue, e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidos a leis estilísticas distintas. Eis os principais tipos de unidades estilísticas de composição nas quais o conjunto romanesco se decompõe habitualmente: 1. A narrativa direta literária do autor (em todas as suas variedades multiformes); 2. A estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral (skaz); 3. Estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional (cartas, diários, etc.); 4. Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declaração retórica, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.; 5. Os discursos dos personagens estilisticamente individualizados. (BAKHTIN, 1993, p. 72-73)

Essas unidades estilísticas heterogêneas, como afirma Bakhtin (1993), adentram no romance, unindo-se de forma harmoniosa no sistema literário. O autor salienta que o

gênero romanesco só tem sua originalidade garantida por conta da combinação dessas unidades subordinadas, e, no entanto, relativamente independentes. Bakhtin (Op.cit) ressalta que o romance é, na verdade, uma diversificação social de linguagens que se organizam artisticamente, e por vezes, de línguas e de vozes individuais. Ele aponta que toda a estratificação interna de uma língua, situada em um determinado momento histórico, se constitui como fundamental no gênero romance. Todos os discursos que circundam o romance – o discurso do autor, do narrador, dos personagens, os gêneros intercalados – são apenas unidades básicas que compõem o poema, que ajudam o plurilinguismo a se instaurar no romance.

Bakhtin (Op.cit) afirma que as formas de composição da introdução e da organização do plurilinguismo romanesco é muito variada, e são elaboradas no decorrer do desenvolvimento histórico desse gênero em questão. Ele aponta que a forma mais evidente de introdução e de organização do plurilinguismo é presente no romance humorístico, principalmente nos clássicos ingleses. Sobre a introdução do plurilinguismo e sua utilização na estilística, Bakhtin aponta duas particularidades:

1. Introduce-se “linguagens” e perspectivas ideológico-verbais multiformes – de gêneros, de profissões, de grupos sociais (a linguagem do nobre, do fazendeiro, do comerciante, do camponês) – na verdade isso ocorre nos limites da língua literária escrita e falada; além disso, na maioria dos casos essas linguagens não são reforçadas por personagens definidos (heróis, narradores), mas não introduzidas sob forma impessoal “por parte do autor”, alternando-se (sem levar em conta as fronteiras formais precisas) com o discurso direto do autor.
2. As linguagens e as perspectivas sócio-ideológicas introduzidas, apesar de serem, é claro, utilizadas também para realizar a refração das intenções do autor, são reveladas e destruídas como sendo realidades falsas, hipócritas, interesseiras, limitadas, de raciocínio estreito, inadequadas. (BAKHTIN, 1993, p. 116)

Bakhtin (Op.cit) corrobora que essa forma humorística de introdução e organização do plurilinguismo romanesco diverge fundamentalmente do conjunto das formas que estão definidas pela introdução de um possível autor, concreto e personificado (a palavra escrita) ou de um narrador (a palavra oral). O pesquisador salienta que, tanto o autor, como o narrador, adquirem um significado totalmente diferente quando são introduzidos através de uma perspectiva linguística – considerada por Bakhtin como ideológico-verbal particular – de uma visão singular sobre o mundo e seus acontecimentos, de uma entonação específica e apreciações, de um autor, de uma narração e de uma unidade literária considerada “normal”.

A FORMAÇÃO DISCURSIVA: O EFEITO SUJEITO NO DISCURSO

Após apresentarmos as noções instrutórias sobre o discurso literário e o discurso no/ do romance, apresentamos, neste tópico, aspectos referentes às formações discursivas ou efeitos no discurso. Pêcheux (1988) menciona a importância da ideologia ao salientar que é ela a responsável por oferecer as evidências daquilo que “é sabido” por todos.

Essas evidências é que tornariam possível que: “uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sobre a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos de *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (Op.cit., p. 160). O pesquisador considera que esse *caráter material do sentido* seria a relação de dependência constituída pelas formações ideológicas, essa relação sendo explicitada por meio de duas teses, a primeira discriminada a seguir:

1) A primeira consiste em colocar que o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referências a essas posições, isto é, em referências às *formações ideológicas* (no sentido mais definido acima) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, Op.cit, p. 160)

Dessa forma, percebemos a importância da ideologia para compreendermos as formações ideológicas, e assim, as formações discursivas. Em todas essas instâncias, a noção de sentido é fundamental, porque ele é que é diretamente afetado de acordo com as condições apresentadas pelas formações discursivas. Pêcheux (Op.cit) complementa tal questão salientando que, ao considerar a materialidade do discurso e do sentido: “os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Op.cit., p. 161).

Assim, Pêcheux reflete sobre a noção do sentido das palavras, defendendo que, se elas podem configurar diferentes sentidos de acordo com a formação ideológica do sujeito-falante, isso significa dizer que uma palavra, ou uma expressão, não apresenta um sentido único, que lhe é próprio. Na verdade, segundo o autor, elas se constituem de

acordo com a formação discursiva, ou nas relações que estabelecem com outras expressões ou palavras da mesma formação discursiva.

Dessa forma, o sujeito é capaz de se conhecer e conhecer outros sujeitos, e nesse estágio é que aconteceria a “condição do consenso” no qual se procura compreender o ser a partir de seu pensamento, de sua ideologia. Com isso, Pêcheux (1998) nos mostra que é na formação discursiva que se constituem os sentidos, com isso o autor apresenta a segunda fase:

2) Toda formação discursiva dissimulada, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima. Vamos desenvolver: propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. Diremos, nessa condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade essa que reside ao fato de que “algo fala” (ça parla) sempre “antes, em outro lugar independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, Op.cit, p. 162)

Com isso, percebemos que as formações discursivas são diretamente ligadas ao interdiscurso, ou como o autor denominou, o “todo complexo com dominante”. Essas formações discursivas servem para fazer com o que o sujeito acredite que está enunciando algo que lhe pertence, mas, na verdade, sempre existe um lugar independente, responsável pela dominação dessas formações ideológicas.

A partir dessas considerações, Pêcheux (Op.cit) conclui apontando que o funcionamento da ideologia acontece pela interpelação dos indivíduos em sujeitos, através das formações ideológicas – mais especificamente através do interdiscurso – fornecendo a cada sujeito uma noção de “realidade”.

Pêcheux (Op.cit) aponta que existem dois tipos de interdiscursos: o pré-construído e as articulações. Esses elementos aparecem “determinando o sujeito, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, isto é, através da estrutura discursiva da forma-sujeito” (Op.cit., p. 164). Assim, podemos entender que o pré-construído e as articulações, através do interdiscurso, dissimulam para o sujeito a sua condição de autonomia, mascarando a sua real situação de assujeitamento. Assim, as formações discursivas que determinam o interdiscurso dos sujeitos é chamada de formação discursiva *dominante*, porque é ela que determina o que o sujeito pode ou não

dizer, mas mascara essa relação para ele, fazendo-o acreditar que ele é “dono” daquilo que enuncia.

O sujeito no discurso.

Após comentarmos aspectos primordiais das teorias de condições de produção do discurso e de formação discursiva, este tópico se dedica a estudar a noção do sujeito para a AD. Orlandi (1993) aponta que o sujeito entra localizado numa relação dinâmica entre a identidade e a alteridade, uma vez que o sujeito é complementado em sua relação com o *outro*. Ou seja, não existe aqui uma centralização – como nas concepções previamente apontadas – nem no *eu* nem no *tu*, mas na verdade existe um foco na interação criada por ambos.

Orlandi (Op.cit) ressalta que o sujeito só se complementa em sua relação com o *outro*. A autora ainda discorre sobre outras apreensões quanto ao sujeito quando aponta que suas definições de sujeito são derivadas da concepção da linguagem como um trabalho, uma maneira que o homem tem de interagir com a realidade natural e social.

Diante desse patamar, Orlandi (1988) salienta que o texto – seja ele oral ou escrito – pode ser observado diretamente no processo de interlocução, visto que ele é “o centro comum que se faz na interação entre falante e ouvinte” (id., p. 09). A autora complementa sua afirmação, ao ressaltar que o domínio do interlocutor é parcial e por isso só este possui a unidade no/do texto. Por conseguinte, a *significação* acontece no espaço discursivo, este que é “construído pelos/nos dois interlocutores.” (ibid., p. 09). Orlandi sinaliza que essa relação de integração da unidade textual e da significação é correspondente à incompletude que os sujeitos apresentam em sua constituição.

Sobre a Ideologia em geral, Pêcheux (1988) afirma: “o conceito da *Ideologia em geral* permite pensar o “homem” como “animal ideológico”, isto é, pensar em sua especificidade enquanto *parte da natureza* [...]” (PÊCHEUX (1998), p. 152). Ele salienta que é dentro desse processo histórico “natural-ideológico” que “A ideologia é eterna”. Essa afirmação faz analogia ao dito Freudiano de que “O inconsciente é eterno”. Assim, podemos perceber a relação que Pêcheux estabelece entre a ideologia e o inconsciente. Compreender essa relação é fundamental para entendermos as duas evidências que constituem o sujeito:

Como todas as evidências, inclusive aquelas que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusas as evidências de ‘transparências’ da linguagem), a *evidência de que vocês e eu*

somos sujeito – e que isto não constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1985 apud PÊCHEUX (1998), p. 153).

Assim, a partir das considerações de Althusser, percebemos as duas evidências que constituem o sujeito, a primeira na qual ele acredita que suas palavras dizem exatamente o que ele quer dizer, e a segunda na qual ele se configura como sujeito espontaneamente, ou seja, que não existem diversos discursos que o constituem. Dessa forma, Pêcheux salienta a noção de discrepância entre “indivíduo/sujeito” uma relação no qual “*o sujeito é chamado à existência: na verdade, essa formulação evita cuidadosamente a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação e interpelação – daí não dizer: “O sujeito é interpelado pela ideologia”.*” (PÊCHEUX (Op.cit), p. 154).

Pêcheux (Op.cit) também comenta a relação entre o sujeito e o pré-construído: “o efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado pelo sujeito...ao mesmo tempo em que é sempre já sujeito” (Op.cit. p. 156). Percebemos que o sujeito se considera como “dono” de seu discurso, acreditando que o que fala é proveniente de um discurso que é seu. O pesquisador resume que essa evidência do sujeito de se conceber como espontâneo é precedida por “um processo de interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio” (Op.cit. p. 159).

Sobre o sujeito ideológico, Pêcheux afirma: “Quanto ao sujeito ideológico que o reduplica, ele é interpelado – constituído pela evidência da constatação que veicula e mascara a “norma” identificadora” (Op.cit. p. 159). Dessa forma, podemos compreender que tanto o sujeito pelo sujeito, como o sujeito ideológico são interpelados pelo pré-construído. Segundo o autor, a ideologia é que define aquilo que “todos devem saber” ou o que “todos devem fazer”, e dessa forma não possa enunciar “aquilo que se queria dizer”, assim então mascarando aquilo que Pêcheux chama de “transparência da linguagem”.

O sujeito feminino: na psicanálise

Ao mencionar as questões sobre a constituição do sujeito e de seu assujeitamento, falamos sobre um sujeito de maneira geral, sem distinção de sexo. No entanto, observamos que não existe a igualdade ou total convergência entre os sexos, e que assim se faz importante pensar sobre a visão feminina, sobre o sujeito feminino dentro da sociedade.

A fim de comentar aspectos em relação ao papel feminino na sociedade, Maurano (2007 *apud* ZAFIROPOULOS, 2009) resgata conceitos da psicanálise ressaltando que nela a mulher não é descrita e observada apenas quanto ao seu fator empírico, ou seja, em sua existência factual, mas sim em sua posição no coito sexual, que como afirma Freud, é sempre remetida à passividade, diferente da posição ativa do homem.

Além disso, a autora cita a teoria de *phallus*, na qual se afirma que o próprio órgão sexual masculino representa a força, a virilidade, porque é ereto, é dominante, algo que se reproduz também no aspecto cultural. Freud complementa essa questão por considerar que a mulher se sinta diminuída em relação ao homem principalmente por conta da dominação fálica.

Maurano (Op.cit) salienta ainda que essa força que a natureza fornece ao homem faz com que ele se sobreponha e crie a cultura, recriando assim o mundo. Dessa forma, a maioria das culturas civilizadas, ou pelo menos as civilizações ocidentais, são patriarcais. Sobre essa questão, Freud (2011 *apud* ZAFIROPOULOS, 2009) aponta que o homem, ao perceber que tinha o poder de melhorar suas condições de vida através do trabalho, seleciona alguém para auxiliá-lo nessa tarefa. Na perspectiva do autor, esse indivíduo é para o homem um colaborador, com quem convive porque lhe é útil. Na história primitiva, o psicanalista ressalta que o homem havia adotado o hábito de construir famílias, e que esses seriam provavelmente os seus primeiros colaboradores.

Dessa forma, o pesquisador aponta que para essa função auxiliar o macho conserva a fêmea ao seu lado, e esta que também não quer deixar seus filhotes desamparados, também tinha o interesse de permanecer junto ao macho forte. Marauto (Op.cit) ressalta essa concepção, salientando que o universo é constituído por representações simbólicas, e assim, como impera a representação mais forte, o universo é, por conseguinte, fálico. Ainda sobre essa questão temos o apontamento de Freud:

As mulheres representariam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho cultural é sempre mais transformado em dever dos homens, ele lhes atribui tarefas sempre mais difíceis, obrigando-os a efetuar sublimações pulsionais, às quais as mulheres são menos aptas. (FREUD, 2011, p. 48-49)

De acordo com a concepção do psicanalista, a mulher estaria passivamente localizada na sociedade por acreditar não ser apta a desenvolver as atividades que os homens desenvolvem. Além disso, o pensador salienta que as mulheres seriam “desde sempre” mães, e que buscariam um homem principalmente pela proteção de seus filhos.

O sujeito feminino: e o silêncio

Acreditamos que as concepções psicanalíticas são um aspecto diferente para observar as questões femininas do discurso. Mas, além disso, as questões referentes ao silêncio são fundamentais para entendermos a forma velada com a qual Berenice se expressava para a sociedade e às vezes para si mesma. Este tópico se destina a análise dos preceitos do silêncio para a constituição do sujeito feminino.

A construção do sujeito feminino se constitui também pelo silêncio. Em nossa pesquisa, a concepção de silêncio adotada é aquela apresentada por Orlandi (1992) todas as referências, neste tópico, remetem para esta obra. A linguagem, em sua expressão oral ou escrita, limita o movimento dos sentidos, que se abrem para a multiplicidade no silêncio, daí a necessidade de uma política do silêncio, conseqüentemente tomar a palavra também pode ser tirar a palavra, fazer calar ou silenciar, que tem o lado da opressão, dominar a palavra, e da resistência, lutar pela palavra.

Por outro lado, o silêncio também está nas palavras. Os textos, em sua oralidade ou escrita, eliminam a dispersão do silêncio e transformam-no em unidades discretas, formas (palavras) de significação calculável. O silêncio, entretanto, escapa a essas palavras, porque não visível nem observável. No contexto histórico-social, o homem que não fala não tem sentido e ele perde sua relação com o silêncio; nesta sociedade, o silêncio tem um lugar subalterno, há uma exigência de comunicação e apagamento do silêncio. Torna-se, pois, urgente uma compreensão do funcionamento do silêncio na sociedade contemporânea.

Refletir sobre o silêncio extrapola os limites da dialogia e a relação contraditória do sujeito com o outro, surge à falta de simetria entre os interlocutores, pois o silêncio desorganiza a lógica do diálogo: o desaparecimento do eu e sua identificação no movimento para o outro, esse movimento do silêncio impede o não-sentido, produzindo o espaço em que o não-dito é necessário para o dito; refletir sobre o silêncio é pensá-lo não como interpretável (atribuição de sentido ao enunciado) mas compreensível (apreensão dos processos de significação de um texto); finalmente, a reflexão sobre o silêncio deve conduzir a uma decentração da linguagem verbal enquanto espaço privilegiado de significação. Há três modos de aproximar-se do silêncio: trabalhar com a noção de completude (incompletude), analisar as figuras de linguagem, relacionar múltiplos textos (intertextualidade), para verificar, por exemplo, as paráfrases.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A fim de cumprir os objetivos elencados neste trabalho desenvolvemos nosso trabalho de análise com 7 (sete) recortes retirados do livro de Adalgisa Nery, nos quais destacaremos as sequências discursivas (doravante SD), objeto de análise. Esses recortes foram selecionados por se apresentarem como passagens importantes para compreender a vida da personagem Berenice, bem como seus conflitos, suas angústias e sua visão sobre si mesma em seu papel como mulher.

A construção imaginária da mulher

Dedicamos esse tópico para as reflexões de Berenice, agora como uma mulher casada, que fala de si mesma enquanto esposa e mãe, e enquanto menina imaginativa preenchida de sensibilidade. Nesses recortes, percebemos que Berenice se mostra cada vez mais distante da menina imaginativa que sonhava e vivia num mundo só seu. A Berenice desse momento mostra conflitos pessoais, busca um caminho para encontrar a si mesma, algo que ela achava conhecer muito bem. Também percebemos que a personagem tenta constantemente justificar suas atitudes, mostrando assim a força das ideologias dominantes para a constituição de Berenice enquanto mulher dos anos 50.

R1- Observo os acontecimentos e as pessoas e, com o mesmo cuidado ou, talvez, maior ainda, **analiso-me numa curiosidade sem perdão** e verifico então, depois dessas contínuas inspeções que **apenas recolhi um conhecimento precário e falho daquilo que geralmente devo ser.** (NERY, 1956, p. 93)

Nessa SD será dedicado a estudar a concepção de sujeito construída por Adalgisa Nery em sua protagonista Berenice. Percebemos que as reflexões da personagem giram, a todo o momento, em torno de suas observações quanto ao mundo e principalmente às pessoas a sua volta. Nessa SD, observamos que Berenice se analisa friamente, numa “curiosidade sem perdão” e depois de se inspecionar ela conclui que: “apenas recolhi um conhecimento precário e falho daquilo que geralmente devo ser.” (NERY, 1959, p. 93).

Mais uma vez é possível notar a forma como a personagem se condena por não ser aquilo que “deve ser”. Orlandi (1988) comenta essa questão, salientando que o sujeito é primordialmente social, ou seja, não existe uma centralização, o que acontece é que o sujeito existe a partir de sua interação social. Quando Berenice reconhece que falha

naquilo que deve ser é porque acredita que deva seguir um modelo, algo que é considerado certo para uma mulher de sua época. No entanto, esse parâmetro sobre o que deve ser seguido não foi uma consideração que a personagem faz sobre si mesmo, mas sim uma imposição social.

R2- Hoje, verifico que sempre vivi num clima disjuntivo. Os acontecimentos e os fatos são compostos de duas relações, mas quando uma é afirmada a outra é negada. **A verdade não conjugou as duas partes da minha existência.** Como a proposição disjuntiva esclarece que as duas proposições componentes não podem ser ao mesmo tempo verdadeiras e falsas, eu atribuo os motivos dessa minha extenuante procura da justa orientação. **Sou uma desassociada de mim mesma.** (NERY, 1956, p. 103)

Nessa SD, percebemos uma Berenice cada vez mais solitária de si mesma. Nos fragmentos anteriores, ela já comentava sua insatisfação com suas escolhas, bem como com quem havia se tornado. A todo o momento, a personagem argumentava sobre não ser quem deveria ser, não se adequando assim à sociedade. Aqui, ela reafirma a tensão em que vivia, salientando o caráter disjuntivo de sua vida: “A verdade não conjugou as duas partes da minha existência.” (NERY, 1956, p. 103). No momento em que ela anuncia que a verdade não existia para as duas partes de sua vida, é possível acreditarmos que alguma parte importante de si foi perdida, ou negada, por não poder ser considerada verdade.

Como aponta Orlandi (1988), não existe sujeito sem discurso, uma vez que o sujeito se constitui através dos diversos discursos que são enunciados ao seu redor. Podemos afirmar que esses discursos sociais são aqueles que ditam o que deve ser a verdade, e por isso a concepção individual de Berenice acaba por ser suprimida. Por fim, ela afirma ser dissociada de si mesma. Acreditamos que a personagem se considera perdida por sua verdade não ser aceita pela sociedade, e assim não consegue ser quem acredita verdadeiramente.

R3- Há vácuos tão profundos na alma que palavra alguma pode superar. **Só o silêncio nos olhos, nos gestos e na língua, devia ficar.** E foi o que fiz. (NERY, 1956, p. 115)

Nessa SD, Berenice mostra novamente estar perdida. Aqui ela menciona o vácuo de sua alma, provavelmente ocasionado por não conseguir viver aquela que considerava sua verdade. A personagem sempre revela a incompletude de sua alma, como se não pudesse viver da forma como ela queria, mas sim, deveria suprimir as implicaturas sociais. Nesse fragmento, também percebemos a forma com que Berenice se comportava socialmente, quando ela ressalta que o silêncio era a melhor forma de reagir às

incompletudes de sua alma. Observamos novamente uma Berenice aprisionada em si mesmo, uma vez que não demonstrava suas tristezas, seus traumas, e tentava permanecer paciente e bela – algo que era o esperado para uma mãe de família de sua época.

R4- Desde que descobrimos o **combate de julgamento**, nasce a dúvida para o nosso espírito. **Debatemo-nos entre valores considerados positivos e verdadeiros** e ao mesmo tempo descobrimos outros valores positivos e verdadeiros com forças paralelas. **Há uma intriga anterior** que desorienta o campo sentimental, intelectual e espiritual das nossas existências. Depois da dúvida vem a renovação da nossa alma. O perigo está em que a renovação não se propale a nova destruição. (NERY, 1956, p. 118)

Nessa SD, a personagem revela mais alguns traços de sua frustração quanto à não liberdade de seu espírito. Primeiro, ela aborda o “combate ao julgamento”, salientando que a partir dele é que nascem as dúvidas espirituais. Para nós é indispensável refletir sobre a força dessa afirmação, uma vez que, Berenice sempre menciona não conseguir ser aquilo que ela pensava ser, ou aquilo que era quando ainda tinha a pureza de menina. Aqui ela aponta mais diretamente o motivo dessa insatisfação pessoal, esse julgamento que enche a alma de dúvidas. Esse julgamento seria na verdade a força das formações discursivas dominantes na formação do sujeito. Berenice entende que, esses discursos que permeiam a sociedade estabelecem o que deve ser verdadeiro, não deixando espaço para concepções consideradas “independentes”.

Em seguida, a personagem comenta esse poder da ideologia dominante em ditar o que seria “verdadeiro e positivo”, numa ideia de que a força dos discursos dominantes acabasse por eliminar outros discursos que circulam na sociedade. É nesse momento que Berenice reconhece ter encontrado outros discursos, outras formas de verdade. Entretanto, ela revela não conseguir incorporar esses discursos pela existência de “uma intriga anterior” (NERY, 1959, p 118). Essa intriga pode estar relacionada ao “pré-construído” apontado por Pêcheux (1988), pois a personagem compreende que chegamos ao mundo carregados pela ideologia que nos interpela e nos constitui como sujeitos. No entanto, ela revela que essa intriga – ou essa noção de pré-construído – termina desorientando a nossa alma. Se considerarmos a falta de liberdade e as imposições sociais vividas pela personagem, podemos compreender que as questões sociais só influenciam na falta de autoconhecimento, e, além disso, na falta de coragem para arriscar, para seguir por um caminho que não fosse aquele que ou outros esperassem. Isso é que seria correr o risco de renovar a alma, mas propalar a destruição.

R5- Até hoje sou uma completa ignorante sobre o lado material e aquisitivo da vida. **Dou e sempre dei um valor excepcional à alma.** Sou uma mulher que pensa desde menina com a base no eterno. **Tudo que acaba é pouco.** Deve ser o sentimento de ambição extraordinariamente desenvolvido que assim me leva a pensar. **O meu mundo tem como ponto mais alto o espírito.** Ele é a nossa realização, é a soma das nossas propriedades eternas. Dentro dessas medidas, **tudo que se movimenta fora dele está sujeito a um fim medíocre e triste.** Lutar pelo efêmero e desgastar-se, subtrair-se e diminuir-se em coisas que, após um ligeiro exame, sabemos não conter outro valor senão aquele que emprestamos dentro de um tempo exíguo e fugaz. É a mentira da vida, concordamos que essa mentira não pugnou por nós e sim contra nós. Nesse terreno, eu sempre vivi perfeitamente em paz. (NERY, 1956, p. 120)

Nessa SD, Berenice revela mais traços de seu pensamento. É importante percebemos que ela busca, através da exposição de suas reflexões, conhecer a si mesma, e fazer a “manutenção” do que considerava mais bonito sobre si mesma: a sua sensibilidade. Assim, ela dedica esse momento da narrativa para salientar a importância da espiritualidade em sua vida, e na maneira como enxergava as coisas. Percebemos – através das passagens destacadas – que Berenice é taxativa: “Dou e sempre dei um valor excepcional à alma” (NERY, 1959, p. 120). A partir dessa afirmação, percebemos a força que as questões espirituais representavam na forma com que a personagem observava as coisas. Para ela, tudo aquilo que fosse efêmero ou material não possuía nenhum valor, pois “Tudo que acaba é pouco”. (NERY, 1956, p. 120)

Diferente dos outros momentos analisados da obra, nesse recorte, Berenice não menciona as questões sociais pré-construídas. Ela fala de si para si mesma, tentando visualizar a parte mais profunda de sua alma, aquela que para ela era o mais importante. Podemos notar, a partir desse depoimento, que a personagem se considera diferenciada por não ter vivido a mentira que a vida havia lhe proposto, por ter sua sensibilidade elevada.

R6- **Nunca desejei ser uma mulher forte. Aspirei sempre possuir a fragilidade.** A luta com a vida, que a tantos engrandece e qualifica num plano de privilégio, nunca foi o meu sonho nem a estrutura da minha vaidade. A minha única aspiração, o meu único desejo, a minha única forma de perfeição sempre foi e será o amor. É a única forma que move o meu ser, a única força que me transfigura para melhor. Só com ele a minha alma poderá ganhar qualidades e resistências. Nada mais. Não me sinto com tendências para vitórias, nem almejo conquistas. **Não espero glórias em riquezas, fora do amor.** Hoje, quando verifico tudo que passei e que nem a todos é dado a atravessar, não me sinto valorizada nem me julgo possuidora de força. Se não tive a independência de sair na vida pelas minhas próprias mãos, também não foi porque amasse a vida com todas as incoerências e pesares. **Foi apenas porque dia a dia esperei desenvolver-me, ampliar-me, elevar-me e purificar-me no amor. Tudo o mais não tem a menor importância. A minha eternidade está nele.** (p. 191)

Nessa SD, Berenice nos faz uma revelação: a de que não aspira ser uma mulher forte. Entretanto, durante toda a obra, percebemos que ela passa por situações complicadas, que conseguiriam desestabilizar uma mulher que não fosse forte. Mas Berenice salienta que, apesar de parecer forte, ela nunca valorizou essa qualidade, pois muitas vezes o forte perde a fragilidade, e assim, a sensibilidade. Como já havia mencionado no fragmento anterior, o amor era a sua maior conquista, era a melhor parte que guardava dentro de si. Nesse excerto, ela salienta ainda mais a importância do amor em sua vida: “Não espero glórias em riquezas, fora do amor.” (NERY, 1959, p. 191).

Ela continua a comentar o papel do amor em sua consciência, em suas aspirações na vida, sempre salientando que, só ele a fizera capaz de ser quem quisera ser. No entanto, não a vemos observar a vida com um olhar cheio de amor, pois isso seria por mais utópico para Berenice. Ela, mantendo sua característica de menina imaginativa salienta que: “Foi apenas porque dia a dia esperei desenvolver-me, ampliar-me, elevar-me e purificar-me no amor. Tudo o mais não tem a menor importância. A minha eternidade está nele.” (NERY, 1959, p. 191). Ao que nos parece, Berenice se mostra incompleta, sempre buscando chegar a um ponto em que sua sensibilidade a faça vencer as adversidades.

R7- O primeiro movimento do amor trouxe-me a crença vivida no universo e na humanidade, depois de uma instância batida e uma adolescência intranquila. **O amor afirmou e fixou-se harmoniosamente com propósitos elevados, sem submissões a críticas e análises na minha alma.** Com ele refloresci. Encontrei a razão justa da vida e acreditei espontaneamente em tudo. (NERY, 1956, p. 192)

Nessa SD, observamos Berenice se referindo mais uma vez ao espaço do amor em sua existência. Aqui ela comenta que o amor a concedeu uma noção de universo, tranquilizando seu coração e a apresentando a noção de humanidade. Salientando a pureza do amor, ela afirma que: “O amor afirmou e fixou-se harmoniosamente com propósitos elevados, sem submissões a críticas e análises na minha alma.” (NERY, 1959, p. 192) Percebemos que Berenice salienta a força do amor por ter chegado a sua alma sem nenhuma submissão e nem críticas. Podemos pensar sobre a vida da própria Berenice, cheia de críticas, e de submissões, fortalecidas pela questão do gênero e pela época em que ela vivenciava tudo aquilo, um momento em que ser uma boa mulher era viver dentro dos padrões impostos pelas formações discursivas tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a análise da obra de Adalgisa Nery revela mais do que aspectos sociais e políticos da mulher dos anos 50; percebemos que, através da personagem Berenice, Adalgisa percorre os mais profundos anseios e medos da mulher daquela época, reverberando esse efeito sua própria alma, desnudando-a. Podemos perceber que Adalgisa detalha as memórias, os traumas e as privações da personagem desde seus primeiros anos de vida, até a idade adulta.

Tida como o *alter ego* de Adalgisa Nery, Berenice é mencionada como sendo uma menina criativa, sonhadora e imaginativa. cremos que essa forte característica de Berenice dera nome ao livro *A imaginária*. No entanto, percebemos que durante o decorrer da obra essa pequena menina imaginária vai desaparecendo, deixando em seu lugar uma mulher cheia de amarguras e ferida pelas “grades” impostas através das formações sociais tradicionais. Essas considerações só puderam ser levantadas graças às concepções previamente trabalhadas de formações discursivas, ideologia e constituição de sujeito.

Também não podemos deixar de mencionar a importância do sujeito que escreve para compreendermos o discurso literário. Como afirma Bakhtin (2011), só podemos compreender o romance, bem como os enunciados nele presentes, se pensarmos sobre quem está falando. No caso do romance em questão, pensar na história de Berenice, seus dramas e anseios, possui uma visão completamente diferente se refletirmos sobre o lugar dela na sociedade: mulher e mãe dos anos 50. Talvez se a história relatasse os fatos vividos por uma mulher do século XXI os resultados da análise seriam diferentes, ou pelo menos, se expressariam de forma menos angustiantes.

Conseguimos mostrar o sofrimento de Berenice quanto à sua capacidade criativa e poética, sempre perpassada por inúmeras dúvidas e medos. A personagem, inicialmente, reforça sua sensibilidade como aquilo que a faz especial e diferente de todos os outros – ou de toda a sociedade. No entanto, após sofrer por não poder vivenciar essa força sensível que acredita possuir, ela se questiona, indagando se tudo aquilo que acreditava ser não era, na verdade, mais um sonho ou devaneio de sua cabeça imaginativa. Podemos perceber que nos deparamos com a mulher Berenice em várias fases, mas sempre marcada pelas imposições sociais das formações discursivas tradicionais, e diversas outras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, N. V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. O discurso no romance. In: *Questões de estética e de literatura*. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

DANTAS, A.de M. Sobressaltos da análise do discurso. Campina Grande; EDUFCG; 2007. p. 46-52.

_____. *Linguística e literatura: um estudo, vários caminhos*. Campina Grande: Bagagem, 2011. p. 30-50.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Ed. Penguin; Companhia das letras; São Paulo-SP, 2011.

MAINGUENEAU, D. 2006. *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. p. 55-65.

NERY, ADALGISA. *A Imaginária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editorial da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

ORLANDI, E. P. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, E. P. [et. al] *Sujeito & texto*. São Paulo: EDUC, 1988.

ORLANDI, E. P.. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Edunicamp, 1992.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP. 1988. p. 140-170.

ZAFIROPOULOS, M. The Freudian theory on femininity: from Freud to Lacan. Trad.: GUIA, E. R. dos M.; CECCARELLI, P. R. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. *Reverso* vol.31 no. 58; Belo Horizonte set. 2009. Disponível em< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010273952009000200002&script=sci_arttext > Acesso em< 20 de junho de 2015.